

BILÓGICA DA INTERPRETAÇÃO*

Eleonora Casaula, Jaime Coloma
Francesca Colzani, Juan Francisco Jordán**, Chile

Os autores estudam as relações entre interpretação e compreensão. Discutem o conceito de neutralidade entendendo o como uma opção consciente do analista que o compromete e vale se de suas emoções para entender a relação recíproca entre analista e paciente. Afirmam que existem interpretações psicanalíticas que não necessariamente são verbais. Utilizam a teoria bilógica de Matte Blanco que diferencia lógica simétrica e lógica assimétrica do inconsciente. Através de um caso clínico ilustram sua tese de que o conceito de interpretação não está determinado por sua emissão verbal. Concluem que o analista exerce sua função terapêutica na medida em que se apropria da experiência do analisando.

I. Introdução

Propomo-nos, no presente trabalho, a pensar mais uma vez sobre a interpretação enquanto técnica privilegiada da psicanálise. Focalizaremos o tema na experiência emocional do analista como um dos fatores que determinam a interpretação.

Com a revisão desta idéia buscamos precisar qual é o objetivo psicanalítico de um trabalho interpretativo; em outras palavras, o que podemos entender, mais precisamente, por "trabalho interpretativo". Pensamos que a forma de entender, tanto o conceito de neutralidade como o conceito de compreensão, é outro fator determinante no que se considere, ou não, interpretação. Por isso parece nos essencial estudar as vinculações entre interpretação e compreensão. Dirigiremos a atenção a certos momentos do processo analítico nos quais, desde uma particular definição de neutralidade e compreensão, o analista pode ser considerado com alguém que contra-actua. Interessa nos revisar tais critérios.

Em primeiro lugar, ocuparemos nos do conceito de neutralidade. Habitualmente se destaca, na definição deste conceito, a regra de abstinência e o anonimato do analista. Costuma se entender isto, no nosso modo de pensar, de maneira errada, como uma regra que faça parte da conduta do analista. Algo que na linha do classicamente proposto por Ferenczi refere se àquilo que o analista não deve fazer. Sustentamos que a neutralidade pode ser entendida, num sentido positivo, como uma opção consciente do analista que o compromete a valer se de suas emoções para entender a relação recíproca entre analista e analisando. Este uso da emoção, ao invés de sua descarga, configura o sentido da abstinência e o anonimato no analista. Assim, tendo sempre em vista o objetivo psicoterapêutico da psicanálise, se configura o ato de intervir.

O critério sustentado se inscreve no estabelecido por Paula Heimann (1960), que diz: "A situação analítica é uma relação entre duas pessoas. Aquilo que diferencia esta relação de outras, não é a presença de sentimentos num dos participantes e a ausência no outro, o analista; senão o grau de sentimento que experimenta o analista e o uso que ele faz dos seus sentimentos, sendo estes fatores interdependentes... (o analista deve ser capaz) de conter seus sentimentos ao invés de descarregá-los como o faz o paciente". Segundo ela, o uso que faz o analista dos seus sentimentos tem por objetivo conseguir "perceber e seguir de perto os movimentos emocionais e as fantasias inconscientes do paciente". Em resumo, compreender o paciente desde a própria experiência emocional.

Este uso particular da emoção na psicanálise, corresponde à fixação de variáveis, próprias de toda técnica derivada de uma disciplina científica. Existem, além disso, outras variáveis a serem isoladas: aquelas que são fixadas ao demarcar um enquadramento segundo os objetivos do tratamento psicanalítico. Desta forma, pode se considerar que o enquadramento é a condição que possibilita o exercício da neutralidade. Em outras palavras: desde o ponto de vista da técnica, as variáveis a serem isoladas são as correspondentes ao uso da emoção por parte do analista; desde o ponto de vista do tratamento, as variáveis a serem fixadas são as de enquadramento. Implicitamente referimo nos à diferença estabelecida por Winnicott entre técnica e tratamento (Winnicott, 1954). Conseqüentemente, o enquadramento pode variar de acordo com o paciente. Porém, se mantém sempre estável a forma na qual o analista usa suas emoções. Neste sentido, Speziale Bagliaca (1991), esclarece que o enquadramento, na sua função de continente, supõe sempre uma aplicação rigorosa. A rigor, no dizer deste autor, significa o oposto à rigidez. Rigoroso refere se ao caráter sustentador do enquadramento "o rigor está associado com a inteligência alerta; a rigidez com o medo e a inadequação da mãe insegura, quando não, com a sua idiotice". (p. 62)

Com relação às prescrições que privilegiam os componentes de conduta na definição de neutralidade, é indispensável ter presente que as conceitualizações psicanalíticas referem se sempre ao que está além do latente, e pode ou não manifestar se no comportamento, isto é, que não existe necessariamente uma correlação biunívoca entre estado mental e conduta. (cf. Meltzer, 1974 e Fairbairn, 1970)

Em segundo lugar, baseando nos em contribuições originadas numa perspectiva essencialmente hermenêutica, parece nos válido introduzir, naquilo que de forma habitual se conceitualiza em psicanálise como interpretação, a distinção de dois componentes: a compreensão interpretação, par indissolúvel, e o ato de falar. Em psicanálise não se diferencia entre interpretação e falar, ambos são considerados uma coisa só.

Assim como é explicado por Bion (1982), "dar uma interpretação significa que o analista tem que ser capaz de verbalizar uma formulação dos seus sentidos, suas intuições e suas reações primitivas frente àquilo que o paciente diz" (p. 56).

Do modo que estamos propondo, a relação entre interpretação, fala e compreensão, não é tratada como uma seqüência temporal, como a transferência de um conhecimento de um sujeito ao outro, isto é, de um emissor a um receptor, próprio de uma teoria da comunicação. Sem desmerecer esta conceitualização, pensamos que ela se baseia numa radical separação sujeito objeto, na qual pode perder se a experiência do inconsciente no vínculo analista analisando.

Desde o ponto de vista que sustentamos, a compreensão e a interpretação integram-se num âmbito único, prévio a uma eventual intervenção técnica verbal ou não verbal. Isto fundamenta se em que, como seres humanos, estamos sempre compreendendo e interpretando. A propósito, Roy Schaffer (1994) recentemente no Congresso de Amsterdã, objetou seu título, "A mente do analista: da escuta à interpretação, dizendo que toda escuta já é uma interpretação", postura com a qual concordamos plenamente.

A peculiaridade do psicanalítico reside na possibilidade de desenvolver no paciente seu próprio compreender e interpretar, em consonância com o suposto teórico do inconsciente (Freud, 1915). Isto em vias de conseguir uma modificação favorável na relação entre as diversas estruturas que formam o aparelho mental do sujeito.

Em continuação às precisões conceituais expostas, postulamos que contra atuação corresponde a uma intervenção moldada pela descarga. Nela, a emoção, no analista, perde sua eficiência como instrumento técnico, abandonando, assim o âmbito do psicanalítico, para passar a compreender e interpretar ao seu paciente de outro ângulo.

Diferentemente da contra atuação, há ações do analista que compreendem e interpretam ao analisando, sem que emita uma interpretação verbal. Desta maneira, devemos aprofundar nos nas perguntas que já foram feitas por Modell (1990): "As ações do analista, experimentadas simbolicamente, são inferiores às interpretações verbais? Quando podem tais ações funcionar como equivalentes à interpretação?".

Nossa tese é que existem interpretações psicanalíticas que não necessariamente são verbais e que, ainda que se desenvolvam no campo da ação, não são contra atuações. O que interessa é determinar quando esta interpretação não verbal representa uma intervenção propriamente psicanalítica. O importante parece residir em que tal interpretação cumpra com as exigências do enquadramento e da neutralidade, e com o propósito de conseguir as funções terapêuticas fundamentais do psicanalista. "... a primeira é apresentar-se a si mesmo como um continente que recolhe e reunifica as partes projetadas e dissociadas do paciente para que possa realizar-se aquilo que poderia chamar-se de estruturação do self. A segunda função, complementar, é provocar insight, isto é, promover o crescimento através do dar-se conta e do conhecer" (Speziolo Bagliacca, 1991. p. 16). Nos interessa destacar o aspecto emocional, sempre presente no analista como em todo pensador. Os afetos(1) seriam estruturas pré cognitivas permanentemente operando na mente humana. A emoção, assinala Matte Blanco, numa certa coincidência com o enfoque bioniano, é a mãe do pensamento. Não seria possível conceber um analista que não esteja em alguma disposição afetiva em relação ao seu paciente, mesmo que seja na forma da deficiência.

A teoria bilógica de Matte Blanco pode facilitar nos algumas ferramentas conceituais necessárias para levar adiante a investigação que nos propomos. Sobre tudo, se levarmos em consideração que ele diz que as diferenças entre emoção e inconsciente, ainda estão por definir-se.

Em breve síntese, diremos que o inconsciente, segundo Matte Blanco (1975, 1988), somente conhece classes, não pode conhecer indivíduos. Os pensamentos conscientes ou inconscientes, em sua teoria são vistos como uma atividade proposicional da mente. Esta, confrontada a um ente que se apresenta como um grupo de sinais, classificará inconscientemente tais sinais num conjunto infinito, que ao mesmo tempo é uma emoção, a qual em si mesma, é uma forma elementar de classificação. Por isso que Matte Blanco gosta de citar freqüentemente a Pascal: "O coração tem razões que a própria razão desconhece". A emoção, nesta perspectiva pode ser definida como uma atividade cognitiva, básica, produto da sua própria lógica, a lógica simétrica. Assim mesmo, esta é expressão de uma modalidade do ser, o ser simétrico, que considera a realidade como única, homogênea e indivisível. Assim, por exemplo, ao ver-se a mente confrontada a um sinal, digamos "voz potentes", pode experimentar uma emoção, cujo significado inconsciente seja "estou perante um pai", independentemente de que a qualidade da emoção fosse raiva, alegria, desgosto, interesse, surpresa, vergonha, excitação sexual ou suas combinações.

A lógica simétrica encontra-se entrelaçada na lógica assimétrica. A última funciona como um estroma onde fica assentada aquela, já que a lógica simétrica, por si só, não é susceptível de existência. Só pode se manifestar entrelaçada à lógica assimétrica. A lógica assimétrica clássica ou aristotélica é, porém, expressão do modo de ser assimétrico ou heterogêneo, que experimenta a realidade como constituída de partes e seqüências, tendendo à discriminação de unidades cada vez mais discretas. Insiste Matte Blanco no fato de que com o suposto do inconsciente, e suas características, Freud estava descrevendo uma modalidade do ser a que designou por uma das suas qualidades negativas: a ausência de consciência. Pensar no ser humano como um modo de ser homogêneo e indivisível, e um modo de ser heterogêneo, implica aceitar que estamos constituídos por uma antinomia que é irredutivelmente unitário existir.

Recapitulando, o que propomos é que o conceito de interpretação não está determinado por sua emissão verbal. Existe sempre uma compreensão e uma interpretação prévia, que está por trás de toda elocução do analista, independentemente de que esta seja falada. Delineou-se a interpretação psicanalítica em termos tais que qualquer ação do analista é excluída do âmbito da interpretação, perdendo assim a riqueza clínica específica da experiência da dupla analista analisando. Tem-se a tendência, então, à padronização da interpretação, com o risco concomitante de ideologizar o modelo teórico de modo tal que a função analítica é desenraizada da fecundidade que provém da própria experiência emocional. A perspectiva de Matte Blanco permite sustentar conceitualmente, que permear-se no emocional, implica estar disposto a aceitar que uma dimensão do ser o ser simétrico, constitua um modo legítimo de conhecer. Isto faz com que um psicanalista, em último caso, não se submeta unicamente a um modelo, mas que psicanálise. Se não for assim, corre-se o risco de transformar o psicanalista numa forma encoberta de doutrinar.

Para ilustrar a nossa tese apresentaremos alguns fragmentos de um material clínico.

II. O Caso Joan

Os fragmentos que transcrevermos formam parte do relato exposto por um de nós, faz algum tempo na nossa sociedade científica. A polémica suscitada na ocasião nos motivou ao desenvolvimento deste texto.

A analista relata:

Desde que conheci Joan, na primeira entrevista que tivemos com ela e sua mãe, experimentei um especial interesse por seu caso. Interesse composto de emoções distintas e até contraditórias, como compaixão, afã de proteção pelo desvalimento que me inspiravam, incerteza, temor, desejos de derivá-la e por que não dizê-lo, também, incitação ao desafio. As raízes inconscientes desta complexa contratransferência não as analisarei aqui, mesmo que sem dúvida pudessem ser encontradas no constante vai e vem da ambivalência diádica à que nos submete toda criança e da qual provavelmente nunca nos libertaremos.

O parágrafo recém citado revela, desde já uma disposição afetiva de um tipo particular e uma compreensão global e imediata do analista que ilumina um todo articulado de significações. Assim, se compõe um cenário onde estão presentes, a paciente no seu contexto pessoal e familiar, a analista, sua situação e seus objetos primários. Em suma, se revela o campo psicanalítico como um todo articulado de significações.

Desde a posição de Matte Blanco, as vivências descritas pela analista estariam muito de perto vinculadas à experiência do modo de ser simétrico e à emoção como um ato cognitivo. Neste sentido, a compreensão psicanalítica imediata, assim como a descrevemos, integra a experiência emocional da qual se obtém uma avaliação intuitiva global da situação.

Nesta avaliação, o indivíduo está simultaneamente orientado em direção ao interior, dando-se conta do próprio ser, seu corpo, suas necessidades, seus movimentos e para o exterior, tomando em consideração os seus objetos no espaço ambiental. (Rayner, 1990). Esta simultaneidade de experiência do interior e o exterior nos sugere que se trata de uma vivência prévia a separação sujeito objeto.

No registro das sessões, a analista continua:

As sessões diagnósticas que concluíram com uma indicação terapêutica, foram deslocando cada vez mais o meu desejo de derivar o caso e ampliando a gama de ressonâncias no meu interior. Joan foi paulatinamente conquistando meu zelo terapêutico, apesar do seu comportamento bizarro e às vezes deficiente.

Fica em evidência, deste modo, que a disposição afetiva oscilante e ambivalente no seu início, alcança progressivamente uma estabilização.

Continua o relato:

As primeiras entrevistas, realizadas aos 4 anos e seis meses, revelaram importantes alterações no plano cognitivo, perceptivo e emocional, tornando possível configurar um funcionamento psicótico. Impressionava sua desarmonia geral em relação a movimentos corporais, feições e gestualidade. Caminhava inclinada para a frente, com as pontas dos pés para dentro, ao extremo de quase tropeçar sozinha. Comportava-se de maneira bizarra, comendo a massa de modelar, os lápis de cera e cheirando ou levando à boca todo objeto que lhe parecia pouco familiar. Em ocasiões gritava de forma aguda. Sua linguagem era apropriada e sem alterações, mas às vezes se tornava incoerente por causa do uso de neologismos. Intelectualmente seus rendimentos eram ao extremo inconsistentes e seus professores se queixavam da sua capacidade de aprendizagem. Da sua história me limitarei a acrescentar que era filha de um casal que recém casado deixou o país, percorrendo nos poucos anos de idade de Joan três países de diferente idioma e sofrendo múltiplos conflitos conjugais que culminaram com uma separação.

Joan fazia com que qualquer circunstância adquirisse uma tonalidade forte, a raiva, o medo, a violência, a pena, a confusão, me obrigando a manter um constante alerta sobre as minhas próprias reações... sua veemência se transformava num ponto de ruptura sobre o qual cambaleava com frequência minha neutralidade. A violência de muitas interações minavam a minha capacidade discriminatória, a minha segurança afetiva e a minha responsabilidade terapêutica. Também cheguei a pensar que a precariedade psicológica e familiar de Joan era tamanha que se não me decidisse a abordar o seu tratamento a deixaria exposta cada vez mais à loucura. Pensar assim implicava situar-me na tentadora situação de me sentir sua salvadora e de transformar-me na substituta materna adequada. Mais adiante, quando percebi a participação destas fantasias onipotentes de resgate na minha decisão de ser a sua terapeuta, entendi porque senti minada a confiança na resolução dos meus próprios conflitos.

Poderíamos perceber no processo descrito um estado inicial de incerteza que, na analista corresponde a uma compreensão que abre à angústia psicótica própria do fato de estar com Joan. Quando a analista duvida sobre sua capacidade terapêutica alcança uma interpretação (não verbalizada) do compreendido. Esta interpretação culmina num discurso interno que poderia expressar-se como "eu sou incapaz", abrindo isso a uma sequência interpretativa que encadeia outras proposições "eu sou incapaz, e agora está claro que a tomei em tratamento sob a influência de uma fantasia onipotente de resgate. Esta, a fantasia onipotente de resgate, encobre e revela meu sentimento de enorme fragilidade, o que me põe, simultaneamente, a interpretar a enorme fragilidade inserida na onipotência de Joan". A interpretação final, então, poderia ser: "eu (analista) sou capaz de abrir Joan à sua própria fragilidade porque na medida em que me dou conta que compreendi, posso ao mesmo tempo desdobrar essa compreensão numa interpretação". O processo descrito não está necessariamente consciente na mente do analista. Em outro episódio, ocorrido três anos depois, mostra-se uma vez mais, e agora numa ação, o caráter não verbal da interpretação.

Vou me referir, em primeiro lugar, àquilo que chamei coloquialmente de "palpites". A expressão "palpites" alude a certas reflexões minhas que não derivam da reflexão consciente sobre o vínculo proveniente de uma atitude de atenção flutuante.

Eram circunstâncias em que a relação entre ambas se transformava numa situação psicótica, que resultava ineficiente qualquer verbalização. Surgia, então em mim, a idéia de uma ação, a qual era colocada em prática de imediato como se se tratasse de uma emergência e que resultava na volta de ambas à realidade. Digo a ambas, porque no seu desatino, Joan me fazia duvidar do meu próprio tino, assim também como de todos os meus conhecimentos técnicos sobre psicanálise. Este comportamento ativo era uma reação espontânea, mediante a qual tentava desfazer-me de um "louco" dentro de mim que não me permitia pensar e que, por isso atacava a minha função terapêutica.

Minhas notas a respeito de uma destas ocasiões dizem: "Se enlouqueceu numa verdadeira orgia maníaca. Dizia, onde está Joan? Eu não sou. Ela é. Lá está (apontava embaixo do divã). Ao mesmo tempo que se deslocava pela sala, cantava e falava, abafando a minha voz e fazendo-se de surda às minhas intervenções. Sentia-me excedida. Além disso, estávamos muito próximas, seu rosto enfrentava o meu quase me tocando e isso me intimidava. De repente olhei para a caixinha de brinquedos que estava em cima da mesa, ao nosso lado, e pensei: Vou tirar a tampa de lata (de uma caixa de lápis) e vou colocá-la diante dela como um espelho. Joan pareceu adivinhar e gritou-me: "Não... Não... Eleíto, não me mostres o espelho". Eu me senti à beira do descontrolo (é aqui onde experimento o "louco" dentro de mim) tentando pensar sim ou não, e abruptamente peguei atampa. Joan me forçou mas conseguiu colocá-la diante dela. Nesse momento ao ver-se refletida ficou em silêncio, suas feições contraíram-se e se acalmou. Voltou à normalidade.

Tudo mudou. Me senti aliviada, acabou o ataque e Joan começou a me perguntar porque tinha colocado o espelho na sua frente "Por que você fez isso?". Não tive nenhuma resposta.

Provavelmente a visão de si mesma no espelho, lhe permitiu unir a sua imagem projetada, dissociada e fragmentada. Porém, o cansaço me tornava impossível pensar, nem ao menos explicá-lo... o gesto, como um ato de interpretação não verbal, parece ter sido mais eloquente que todas as palavras que em múltiplas ocasiões tinha empregado para tentar ajudá-la a se integrar.

Discussão

Matte Blanco (1989), numa formulação que mostra o lugar preciso do inconsciente no emprego da técnica define o trabalho psicanalítico como aquele que é capaz de conduzir o analisando da "simetria à assimetria através da simetria". Ao nosso

entender, esta fórmula é proposta como um chamamento de cautela frente ao risco de transformar a técnica num ato de onipotência. O importante é não esquecer a assimetria pela simetriação, nem a simetria pela assimetriação. Quer dizer, não arrasar com partes do aparelho mental por inclinar se, onipotente e oniscientemente, em direção até um referente único que pretende eliminar a antinomia que, segundo o próprio Matte Blanco, nos constitui como humanos. Incidentalmente, o uso que faz Bion do mito de Palinuro aponta este mesmo risco. (Bion, 1982).

No caso de Joan, a analista teve que renunciar à onipotência própria do uso exclusivo de um modelo técnico teórico, baseado principalmente na lógica assimétrica, que restringe a conquista do insight ao emprego da interpretação verbal. Esta renúncia se sustenta na confiança e na experiência da simetria buscando através de um "palpite", um veículo de comunicação diferente da maneira habitual de fazer uma interpretação. Esta ação foi concebida como uma interpretação psicanalítica, porque foi capaz de levar a paciente, em termos de Matte Blanco da simetria à assimetria através da simetria. Este processo é psicanalítico, porque é cumprido compreendendo e interpretando a situação a partir de uma teoria das relações objetivas inconscientes, que lhe permite dar-se conta da fragmentação do self que afeta Joan. Quando a analista diz experimentar "o louco por dentro de mim", consentiu à simetriação própria da ausência de diferenciação sujeito objeto. Compartilhar esta angústia já é uma compreensão de um modo de ser.

Revisando a etimologia da palavra compreender, encontraremos que esta vem do latim "comprehendere", cuja origem está relacionada a "prender" que significa "pegar". Por sua vez, o prefixo "cum" significa "em companhia de". Compreender, portanto, é aquilo que se "pega" estando em companhia. Isso implica que o analista, ao compreender, faz dele o sentido de experiência do paciente na situação analista-analisando. Podemos postular, então, que o analista exerce sua função terapêutica na medida em que se apropria da experiência do analisando. Na maioria dos casos será a interpretação verbalizada aquela que, posteriormente, liberará ao paciente num ato paradoxalmente violento a seu próprio modo de compreender e interpretar. Em outras palavras conseguir o seu próprio insight.

Voltando ao caso clínico: após o momento em que a analista sentia o "louco" dentro de si, isto é, compreendia a Joan desde a loucura de ambas, e tendo em mente as múltiplas ocasiões prévias nas quais havia interpretado verbalmente de um modo insuficientemente eficaz, opta por uma ação que em si própria, interpreta não verbalmente o sentido velado do que estava acontecendo; quer dizer, a necessidade de Joan de emergir da fragmentação em direção a uma unificação de seu self. Lá, a caixa de lata é interpretada como um espelho; de fato, ambas o fazem. A interpretação culmina quando consegue que Joan se veja refletida na lata.

Pensamos que se trata de uma interpretação psicanalítica, mesmo que não haja verbalização de conteúdos, porque a ação da analista:

1. Qualifica a Joan, apontando-lhe de fato que ela estava fragmentada no momento prévio a se refletir no espelho.
2. Ao ver-se refletida numa unidade corporal a consolida como um outro diferente da analista numa imagem que unifica seu self.
3. Essa consolidação da imagem do eu a frustra no seu desejo psicótico de ubiqüidade, de estarem todas partes, de ser vários seres. ("Onde está Joan? Eu não sou. Ela é. Lá está etc") e, a partir desta redução, aceitar a dolorosa e ao mesmo tempo aliviante assimilação de sua identidade ("Ficou em silêncio, suas feições descontraíram-se e acalmou-se").

Recém apontávamos que a interpretação é, como um ato paradoxalmente violento, o qual libera o paciente ao seu próprio modo de entender e interpretar. A interpretação verbal, compõe-se de palavras, é o sustento da assimetria, por supor uma delimitação de uma fronteira entre sujeito e objeto. Ao mesmo tempo a assimetria, segundo Matte Blanco é sempre uma forma de exercer a agressão já que implica diferenciação, corte, separação, descontinuidade, dentro do simétrico. Em suma, uma transgressão necessária e indispensável para viver e sobreviver à experiência do modo de ser simétrico.

A violência implícita na assimetriação à qual Joan é exposta, é, porém amortizada pelo ato de conter sua fragmentação, intenção que está já prevista ao pôr em ação 0 que o paciente já antecipou. "Joan pareceu adivinhá-lo e gritou-me: "Não... não Eleito... Não me mostres o espelho". Nesta vinheta fica claro que a proposição de "espelho" é verbalizada por Joan.

Nossa opção leva a entender que, ao invés de interpretar a presunção de Joan como uma tentativa de controle onipotente da mente do analista, se opta por uma validação do próprio entendimento da paciente, que emerge da experiência de simetriação. Assim como a analista se apropria do sentido da situação compartilhada com Joan; Joan, por sua vez, se apropria deste mesmo sentido. O fato de que este sentido seja interpretado não verbalmente, conduz à separação entre ambas. Surge, então, sua pergunta: "Por que você fez isso?".

Summary

Bi Logic of the Interpretation

The authors study the link between interpretation and comprehension. The concept of the neutrality is discussed as a conscious option of the analyst to avoid his emotions for the understanding of relationship between analyst and patient. Further on, affirm that there are psychoanalytical interpretations which are necessarily non-verbal. Following Matte Blanco's theory, the authors point out that it differs from symmetric and asymmetric logic of the unconscious. Through the Clinical case illustrate their thesis based on the interpretation concept is not established by its verbal emission. Finally conclude that the therapeutic function is achieved when the analyst adequately appropriate of the analysand's experience.

Referências

- BION, W. R. (1982). La Tabla y la Censura. Buenos Aires: Gedisa.
- FAIRBAIRN, W. R. (1970). Estudio Psicoanalítico de la Personalidad. Buenos Aires: Paidós.
- FREUD, S. (1915). Lo Inconsciente. Obras Completas. Tomo XIV. Buenos Aires: Amorrortu editores.
- MATTE BLANCO, I. (1975). The Unconscious as Infinite Sets: An Essay in Bi-Logic. London: Duckworth.
- (1986). Thinking, Feeling and Being. London: Routledge.
- (1989). Comments on From Symmetry to Asymmetry by Klaus Fink.
- MELTZER, D. (1974). Los Estados Sexuales da Mente. Buenos Aires: Kargieman.
- MODELL, A. H. (1990). Citado textualmente por Treurniet, N. (1993). Int. J. Psychoanal. 1: 873-891. Tradução dos autores.
- HEIMANN, P. (1960) Contratransferencia. Brit. J. Med. Psychol. 33:9. Tradução ao espanhol Willy Baranger.
- RAYNER, E. (1990). The Independent Mind in British Psychoanalysis. London: Free Association Books.

SCHAFFER, R. (1993). Discussion of "Theory in Vivo". In Int. J. Psychoanal., 74:1163-1171. SPEZIALE BAGLIACA, R. (1991). One the Shoulders of Freud. New Brunswick: Transas Publishers.

Tradução de **Sonia Kahi**

Revisão técnica de **Jussara S. Dal Zot**

© Revista de Psicanálise - SPPA

* Trabalho apresentado no Simpósio Anglo Latino Americano de Psicanálise, Chile, 1994.

** Membros da Sociedade Chilena de Psicanálise.

1. Neste escrito se utilizam os termos afeto, emoção e sentimento como sinônimos para os efeitos da redação.

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)